

Entrevista com o presidente da Unidade de Ciências da Engenharia "Há uma grande necessidade de quadros intermédios"

Mário Nunes, presidente da Unidade das Ciências da Engenharia, acredita que o ingresso dos alunos em áreas sociais é apenas uma fase e aposta na mudança, consequência da adaptação aos critérios de Bolonha.

Ana Maria Fonseca e Eduardo Alves

Urbi - Qual foi o seu percurso até presidir à Unidade das Ciências da Engenharia?

Mário Nunes - Após o doutoramento passei a professor auxiliar. Depois disso é preciso abrir uma vaga para professor associado, é um concurso nacional. Concorri e passei a professor associado. Entretanto assumi as funções de coordenador do Departamento de Têxtil. Então houve uma série de colegas que entenderam que eu me relacionava com certa facilidade, que era capaz de consensos e de não gerar conflitos, e que tinha um bom perfil para presidir à Unidade. Concordei, fiz uma candidatura neste sentido, ganhei, e foi assim que cá cheguei.

U - Na UBI, que papel têm as engenharias actualmente?

M.N. - As engenharias têm sempre um papel importante e de base, porque os serviços são muito importantes, mas não são nada se não houver produção de riqueza.

U - Considera difícil uma conciliação entre meio académico e empresarial?

M.N. - Em Portugal sim, muito difícil, mas não noutros países. Há algum tempo visitei um Centro de Investigação em Manchester que conseguiu arranjar cinco milhões de euros e, com esse valor, pagam a todos os docentes que lá estão a fazer investigação. Ora a Covilhã já foi chamada em tempos a 'Manchester portuguesa'. E o curioso é que em Manchester já não há empresas têxteis convencionais. Mas na zona de Manchester já havia seiscentas novas empresas a trabalhar na área dos têxteis técnicos, na confecção de tecidos especiais, por exemplo na área dos tecidos para cobertura de estádios, de espaços para intervenção na arquitectura, para geotêxteis, para geotécnica, materiais que não têm nada a ver com o fato que vestimos. E se produzem tecidos para vestir, têm características especiais, como é o caso das batas para as cirurgias, porque os cirurgiões numa sala de operações têm condições muito adversas. Em certas operações ou cirurgias eles podem passar imensas horas a operar e têm de estar no máximo da sua concentração. Por isso têm de se desenvolver tecidos ou materiais que permitam a saída de suor, mas não a entrada de fluidos. São materiais completamente novos.

U - Numa fase em que as universidades lutam para cap-



Mário Nunes já passou por vários cargos de direcção na UBI

tar alunos e que estes escolhem mais áreas ligadas às ciências sociais, que estratégia tem a Unidade para atrair alunos?

M.N. - O próprio Estado defende uma ideia muito simples, que é a diminuição gradual de vagas nos cursos de Ciências Sociais e Humanas. A cumprir-se a lei, este ano teria que diminuir 15 por cento o número de vagas. O número total ficaria intacto, mas diminuiriam nas Ciências Sociais e Humanas, por isso essas vagas seriam transferidas para as Ciências Exactas, para as Engenharias e para as Artes. É complicado abrir essas vagas quando sabemos que não vai haver alunos, mas, por outro lado, as medidas que estão a ser tomadas para obrigar os alunos a permanecerem no secundário, acho que cerca de 30 por cento abandonam depois do 9º ano, se esses 30 por cento forem obrigados a ir até ao 12º ano, o número de candidatos às universidades também vai subir. E subindo o número de candidatos, certamente também sobem os candidatos às Engenharias. As coisas têm os seus períodos altos e baixos. Acho que as pessoas, principalmente os pais, já se apercebem de que tirar uma licenciatura em certas áreas, pode ser a vocação do aluno, mas depois não tem saída profissional.

U - Como vê o surgimento de um curso que se denomina 'engenharia', ou outro com o nome de 'engenharia literária'?

M.N. - Como é que se explica que Espanha com 40 milhões de habitantes tenha 280 licenciaturas e Portugal com 10 milhões tenha mil diferentes? A única explicação é que a tutela não tem cumprido a sua missão. Se tivesse cumprido o que lhe compete não estávamos nesta situação. A demagogia e os lobbies políticos, têm funcionado muito até agora, e pervertem estas coisas. Toda a gente quer ter uma universidade na sua terra.

U - E um politécnico não chega...

M.N. - Sim, o politécnico não chega. Viseu, por exemplo, tem a Universidade Católica, o Instituto Piaget, um Instituto Politécnico, e tinha de

ter uma universidade pública. O ex primeiro ministro diz que tinha dados que lhe permitiram criar uma universidade pública em Viseu, não sei como, num País que tem mais vagas que candidatos. E agora o que é que ele faz? Converte o Politécnico em Universidade? Caem-lhe os politécnicos todos em cima. Mas ainda em relação a isto de politécnicos e universidades, o Instituto Politécnico do Porto tem 15 mil alunos. É algum escândalo ter 15 mil alunos? E ter escolas dentro do Politécnico como a Escola Superior de Engenharia do Porto? Isso é algum descrédito? Considera-se de menor importância? E o ensino politécnico é fundamental, é uma peça essencial na nossa estrutura empresarial. Há uma necessidade enorme de quadros intermédios.

U - Que novos cursos estão previstos para a UBI na área das Engenharias?

M.N. - Está tudo dependente dos critérios de Bolonha. Numa perspectiva, se calhar até vai haver algumas compensações. Não sei como vai ser, mas uma coisa que pode ser apenas uma mera hipótese é criar-se um curso de engenharia de base, com uma boa formação de base, de banda muito larga, e depois especialidades. Um curso de engenharia química, por exemplo, poderia inserir-se também na área têxtil. Os nossos cursos de tecelagem, fição, estão montados numa base de engenharia mecânica. Temos um curso de electrotecnia forte que também poderia servir de base a outros cursos. Se calhar temos de optar por esse sistema. Os dispartes que andaram a fazer, a criar cursos uns atrás dos outros e a emendá-los, se calhar agora temos de os condensar, para tornar rentável também a Unidade, e depois com muitas saídas, com muitas opções. E entre elas, se calhar criar mecanismos transversais de cooperação entre as universidades, pelo menos com as públicas.

U - Quanto à Unidade, quais são as maiores dificuldades com que se depara neste momento?

M.N. - As maiores dificuldades são

sempre orçamentais...é sempre dinheiro...

As instalações não são um problema, mas com as particularidades do curso de Arquitectura, muito virado para a arte e diferente do espírito das engenharias, mais tarde ou mais cedo teremos de arranjar um espaço próprio. Quanto ao resto temos óptimas instalações. A Universidade não tem falhado mas começa a faltar dinheiro para investigação e equipamento. Os equipamentos ficam obsoletos muito depressa, está sempre tudo a inovar, aparecem coisas novas, e isso custa muito dinheiro, são equipamentos muito caros. Porque é que as universidades privadas normalmente não leccionam engenharias? É que o investimento é muito grande, e depois o retorno não compensa.

U - Como é que gostaria de ver a UBI nos próximos anos e a Unidade em particular?

M.N. - A unidade poderá ter de sofrer algumas transformações importantes. Também nós como Universidade, teremos de nos transformar, não tarda muito, em termos estruturais. Uma ideia em particular com a qual estou de acordo, é juntar as Ciências Exactas às Engenharias, que é o que existe em Coimbra e no Porto.

U - Todos estão de acordo com essa ideia?

M.N. - Nem todos estão. Não estão todos nas Engenharias e muito menos nas Ciências Exactas. Cada um gosta muito das suas 'capelinhas'. Mas uma área complementa a outra. As Ciências Exactas dão o apoio fundamental e necessário às Engenharias. As Engenharias precisam muito da matemática, da física, da química. E precisamos também das Ciências Sociais e Humanas, que são cada vez mais importantes e transversais às outras áreas. É que normalmente formamos técnicos que vão dirigir pessoas, e por isso se tomam tão indispensáveis às Ciências Sociais e Humanas. As mudanças estruturais vão-se sentir, porque elas são muito profundas. Com um novo método de aprendizagem, as próprias instalações terão de ser adaptadas. Se os nossos alunos todos viessem a todas as aulas, não cabiam. Os alunos vão aprender uma ferramenta mas depois levam trabalho para praticar fora das aulas. Se queremos um ensino de qualidade têm de se fazer estas mudanças. Não é possível ter um ensino de qualidade com 400 alunos numa sala. O professor dá a aula e sai disparado, antes que alguém coloque uma dúvida, senão nunca mais de lá consegue sair.

perfil



Nasceu na Freguesia de S. Martinho, Covilhã. Estudou sempre nesta cidade, na escola técnica. "No secundário comecei por tirar um curso geral de comércio, isto porque os pais também têm muita influência. O meu pai queria que eu e o meu irmão tirássemos um curso da parte têxtil e outro de comércio, na esperança de um dia ter uma fábrica em que os próprios filhos poderiam cobrir as duas áreas. E eu fui o que foi forçado a ir para a parte comercial. Curiosamente fomos trocados porque o meu irmão tinha muito mais jeito para a parte comercial do que eu. Acabou por enveredar pela área de publicidade onde esteve sempre".

Depois de tirar o curso de comércio foi de noite frequentar o de técnico de tecelagem, que era o que realmente gostava. Entretanto foi para a tropa. Após quatro anos e meio de serviço militar regressou e trabalhou na fábrica do pai, enquanto dava também aulas na escola preparatória durante dois anos e, posteriormente, na secundária Frei Heitor Pinto durante quatro anos.

Só nesta altura, "já com 35 anos, casado e com dois filhos", ingressou na UBI, no âmbito de uma possibilidade dada pelo Prof Veiga Simão, "que abriu a porta para pessoas nessas condições". Foi então buscar a formação que lhe faltava, com um bacharelato em engenharia. Depois, quando passou para instituto universitário fez a licenciatura. "Fui avançando com o meu curso, concluí, e depois passei para UBI onde comecei a dar aulas. Então tive uma bolsa para os Estados Unidos para onde fui tirar o mestrado em Ciência Têxtil e posteriormente o doutoramento em Engenharia Têxtil".

A investigação que desenvolveu nos Estados Unidos continuou na UBI. "Na altura tinha aparecido uma tecnologia nova, de fios cobertos, e havia muito pouca matéria científica sobre isso. Achei que era um tema interessante para doutoramento, mas foi uma área que rapidamente deixou de ter interesse científico. Depois surgiram as chamadas tecnologias não convencionais. E é a área de trabalho que tenho desde aí, que comecei no Estados Unidos, a área dos têxteis não convencionais".